

Na cidade viviam dois mudos que eram inseparáveis. Todas as manhãs, bem cedo, saíam juntos de casa e desciam a rua de braço dado, rumo aos respectivos empregos. Os dois amigos eram muito diferentes. O que parecia comandar o par era um grego obeso e sonhador. No Verão, saía de casa vestido com um pólo amarelo ou verde, enfiado desmazeladamente na parte da frente das calças e desfraldado atrás. Quando fazia frio, acrescentava uma camisola cinzenta, já disforme, à sua indumentária. Tinha o rosto redondo e oleoso, com as pálpebras semicerradas e um sorriso meigo e imbecil. O outro mudo era alto. Os seus olhos possuíam uma expressão viva e inteligente. Vestia-se sempre de uma forma impecável e sóbria.

Todas as manhãs, os dois amigos caminhavam em silêncio, até alcançarem a rua principal da cidade. Quando chegavam a uma determinada mercearia, paravam no passeio em frente durante alguns instantes. O grego, de seu nome Spiros Antonapoulos, trabalhava para o primo, o proprietário da mercearia. O seu trabalho consistia em confeccionar as guloseimas, descarregar a fruta e limpar a loja. Quase todos os dias, o mudo magro, John Singer, pousava a mão no braço do amigo e fitava-o intensamente, antes de se ir embora. Depois de se despedir, Singer atravessava a estrada e caminhava sozinho até à joalheria onde trabalhava como cinzelador.

À tarde, os amigos tornavam a encontrar-se. Singer regressava à mercearia e ficava à espera de que Antonapoulos terminasse o

serviço. Entretanto, o grego descarregava calmamente as caixas de pêssegos e de melões, ou fitava o garrido papel de parede da cozinha onde ele confeccionava os doces, situada nas traseiras da loja. Antes de sair, Antonapoulos abria um saco de papel que tinha sempre escondido numa das prateleiras da cozinha. No seu interior, guardava os produtos alimentares que ia recolhendo: uma peça de fruta, amostras das guloseimas ou a ponta de uma salsicha. Regra geral, antes de sair, Antonapoulos ia até à vitrina da frente da loja, onde estavam guardados os queijos e os enchidos. Fazia deslizar a porta da vitrina e, com a mão gorda, retirava cuidadosamente a iguaria da sua escolha. O seu primo, o proprietário da loja, raramente se apercebia. Mas, quando o apanhava, fitava-o seriamente, em silêncio. Cabisbaixo, Antonapoulos limitava-se a mudar a iguaria de posição. Por seu lado, Singer ficava muito direito, com as mãos enfiadas nos bolsos, e olhava noutra direcção. Não gostava de assistir àquela cena entre os dois gregos. Para além da bebida e de um determinado prazer solitário secreto, comer era o que Antonapoulos mais gostava de fazer.

Ao anoitecer, os dois mudos regressavam calmamente ao lar. Em casa, Singer estava sempre a falar com Antonapoulos. As suas mãos davam forma às palavras, numa sucessão rápida de sinais. O seu rosto exibia entusiasmo e os olhos verde-acinzentados brilhavam intensamente. Com as mãos esguias e fortes, contava a Antonapoulos tudo o que tinha acontecido durante o dia.

Antonapoulos recostava-se preguiçosamente e fitava Singer. Raramente mexia as mãos para falar e, quando o fazia, era para dizer que queria comer, dormir ou beber. Utilizava sempre os mesmos sinais vagos e desajeitados para dizer essas três coisas. À noite, quando não estava demasiado embriagado, ajoelhava-se ao lado da cama e rezava durante um bocado. Depois, as suas mãos rechonchudas formavam a palavra «Jesus», «Deus» ou «Avé Maria». Essas eram as únicas palavras que Antonapoulos proferia. Singer não sabia ao certo se o amigo compreendia tudo o que ele lhe dizia, mas também não tinha importância.

Os dois mudos partilhavam a parte de cima de uma pequena habitação, junto à zona comercial da cidade. A casa tinha duas

divisões. No fogão a óleo da cozinha, Antonapoulos cozinhava todas as refeições. Havia umas cadeiras de costas direitas para Singer e um sofá almofadado para Antonapoulos. O único mobiliário do quarto consistia numa cama de casal com um edredão, para o grego corpulento, e numa cama de ferro estreita para Singer.

O jantar demorava sempre algum tempo a fazer, não só porque Antonapoulos adorava comida, como também porque ele era muito lento. Depois de comerem, o grego deitava-se no sofá e passava cuidadosamente a língua pelos dentes, fosse por uma questão de cortesia, fosse para gozar o sabor da refeição, enquanto Singer lavava a louça.

Por vezes, à noite, os mudos jogavam xadrez. Singer gostava imenso desse jogo e, vários anos antes, tentara ensiná-lo a Antonapoulos. No princípio, o seu amigo não estava minimamente interessado nas várias jogadas possíveis. Depois, Singer começou a guardar uma garrafa de uma bebida alcoólica debaixo da mesa, que retirava no final de cada lição. O grego não entendia os movimentos irregulares dos cavalos, nem a mobilidade total da rainha, mas aprendeu a fazer algumas jogadas de abertura. Preferia as peças brancas e recusava-se a jogar quando lhe calhavam as pretas. Depois das jogadas iniciais, Singer passava a comandar o jogo, enquanto o seu amigo o observava, cheio de sono. Singer atacava os seus próprios homens, o rei preto acabava por morrer e Antonapoulos ficava todo satisfeito e orgulhoso.

Os dois mudos não tinham outros amigos e, excepto quando estavam a trabalhar, andavam sempre sozinhos. Os seus dias eram todos iguais. Passavam tanto tempo sozinhos que nada os perturbava. Uma vez por semana, iam até à biblioteca para Singer requisitar um livro de mistérios e, todas as sextas-feiras à noite, iam ao cinema. No dia em que recebiam os respectivos ordenados, iam sempre à loja de fotografias, localizada por cima da Loja do Exército e da Marinha, e Antonapoulos tirava uma foto. Esses eram os únicos sítios que eles frequentavam assiduamente. Havia várias zonas da cidade que nunca tinham visitado.

A cidade situava-se no centro do Sul profundo. Os verões eram compridos e os meses do frio invernal eram escassos. Quase sempre,

o céu apresentava um tom azul-celeste e o sol brilhava de uma forma intensa. Mais tarde, aparecia a chuva leve e fria de Novembro e, depois disso, talvez a geada e uns escassos meses de frio. Os invernos eram inconstantes, mas os verões eram sempre muito quentes. A cidade era relativamente grande. Na rua principal, havia vários quarteirões com lojas e escritórios de dois e três andares. No entanto, os maiores edifícios da cidade eram as fábricas que empregavam uma grande percentagem da população. As fábricas de algodão eram enormes e prósperas e a maioria dos trabalhadores da cidade era bastante pobre. Era frequente ver-se a fome e a solidão nos rostos das pessoas que caminhavam pelas ruas.

Porém, os dois mudos não se sentiam sozinhos. Em casa, gostavam de comer e de beber, e Singer conversava avidamente com o amigo, por gestos, sobre tudo o que lhe ia na cabeça. E os anos foram-se passando tranquilamente, até Singer fazer trinta e dois anos e já viver com Antonapoulos há dez.

Depois, certo dia, o grego adoeceu. Sentou-se na cama, com as mãos em cima da barriga obesa e as lágrimas oleosas a correrem-lhe pelo rosto. Singer foi falar com o primo do amigo, o proprietário da mercearia, e arranjou maneira de fazer uma pausa do seu próprio emprego. O médico estipulou uma dieta para Antonapoulos e mandou-o parar de beber vinho. Singer cumpria as indicações do médico à risca. Durante o dia, sentava-se junto à cama do amigo e fazia o possível para o tempo passar mais depressa, mas Antonapoulos fitava-o furiosamente pelo canto do olho, nada divertido.

O grego era bastante rabugento e estava sempre a encontrar defeitos nos sumos de fruta e na comida que Singer lhe preparava. Pedia constantemente ao amigo para o ajudar a sair da cama, para poder rezar. Quando se ajoelhava, o seu enorme traseiro assentava em cima dos pés pequenos e rechonchudos. Mexia as mãos para dizer «Avé Maria» e depois segurava na pequena cruz de bronze que usava ao pescoço, pendurada num fio muito sujo. Levantava os olhos para os céus, num gesto receoso, e depois ficava muito carrancudo e recusava-se a conversar com o amigo.

Singer era um homem paciente e fazia tudo o que estava ao seu alcance para distrair o amigo. Traçava alguns desenhos e, uma vez,

chegou a fazer um esboço do amigo, para o divertir. O retrato feriu os sentimentos do grego, que recusou reconciliar-se com Singer até este desenhar o seu rosto mais jovem e mais bonito, e pintar o seu cabelo de amarelo-vivo e os seus olhos de um azul porcelana. Depois, esforçou-se para disfarçar a sua satisfação.

Singer cuidou tão bem do seu amigo que, após uma semana, Antonapoulos pôde regressar ao trabalho. Porém, dessa altura em diante, a vida de ambos mudou. A desgraça atingiu os dois companheiros.

Antonapoulos já não se encontrava doente, mas havia sido alvo de uma mudança. Andava irritado e já não gostava de passar as noites calmamente em casa. Quando lhe apetecia sair, Singer ia atrás dele. Antonapoulos entrava num restaurante e, enquanto estavam sentados à mesa, enfiava sorratamente os cubos de açúcar no interior dos pimenteiros, ou escondia os talheres nos bolsos. Singer pagava sempre tudo o que o amigo roubava, pelo que nunca havia chatice. Assim que chegavam a casa, ralhava com Antonapoulos, mas o grego limitava-se a fitá-lo com um sorriso pateta.

Os meses foram-se passando e os hábitos de Antonapoulos foram piorando. Um dia, ao meio-dia, saiu calmamente da mercearia do primo e começou a urinar em público, contra a parede do edifício do First National Bank, do outro lado da rua. Por vezes, deparava-se com pessoas cujo rosto não lhe agradava e ia de encontro a elas, empurrando-as com o cotovelo e com a barriga. Uma vez, entrou numa loja e levou um candeeiro de pé sem o pagar. Noutra ocasião, tentou roubar um comboio eléctrico que tinha visto numa montra.

Para Singer, esse foi um período deveras complicado. Estava sempre a acompanhar Antonapoulos até ao tribunal, durante a sua hora de almoço, para resolver as suas infracções à lei. Familiarizou-se rapidamente com todos os procedimentos legais e andava sempre num estado de profunda agitação. O dinheiro que havia posto de lado, no banco, foi gasto a pagar fianças e multas. As suas poupanças e as suas diligências foram todas empregues para manter o amigo fora da prisão, devido a acusações de roubo, de indecência pública e de agressão.

O primo do grego, para quem Antonapoulos trabalhava, mantinha a sua distância desses problemas. Charles Parker (o nome que

havia escolhido para ele) deixou Antonapoulos continuar a trabalhar na loja, vigiando-o sempre com o rosto pálido e muito sério, mas sem nunca fazer nada para o ajudar. Singer tinha um mau pressentimento em relação a Charles Parker, e passou a antipatizar com ele.

Singer vivia numa preocupação constante. Em contrapartida, Antonapoulos andava sempre calmo e, acontecesse o que acontecesse, o seu rosto tinha uma expressão serena e jovial. Em anos anteriores, Singer sentira haver algo de subtil e de sábio no sorriso do amigo. Nunca percebera muito bem o quanto Antonapoulos entendia, nem o que pensava. Agora, Singer detectava uma certa troça no sorriso do grego. Segurava o amigo pelos ombros, sacudindo-o até ficar cansado, e explicava-lhe as coisas vezes sem conta, por intermédio de gestos. Não servia de nada.

Singer ficou rapidamente sem dinheiro e viu-se obrigado a pedir emprestado ao joalheiro para quem trabalhava. Numa ocasião, não conseguiu pagar a fiança do amigo e Antonapoulos passou a noite na prisão. Quando Singer o foi buscar, no dia seguinte, encontrou-o bastante amuado. Não se queria ir embora. Tinha gostado imenso do jantar: toucinho e pão de milho, com molho por cima. E tinha ficado encantado com a sua cama nova e com os seus companheiros de cela.

Os dois mudos viviam tão isolados, que Singer não tinha ninguém a quem pedir ajuda. Antonapoulos não se deixava abalar com nada e também não se esforçava para se livrar dos seus maus hábitos. Às vezes, cozinhava a mesma refeição que havia comido na prisão e, na rua, nunca se sabia como se iria comportar.

Até que Singer foi confrontado com um problema ainda mais sério.

Uma tarde, quando foi ter com Antonapoulos à mercearia, Charles Parker entregou-lhe uma carta, em que explicava que havia tomado providências para que o primo fosse levado para o hospício estatal, situado a 320 quilómetros dali. Charles Parker valera-se dos seus contactos na cidade, pelo que já estava tudo tratado. Antonapoulos deveria partir em breve, para dar entrada no hospício na semana seguinte.